

Francirosy C. B. Ferreira *(Bolsista Prodoc/UNICAMP)* Após o trágico e assustador atentado de 11 de Setembro de 2001, era de se esperar que o mercado editorial (inclusive o brasileiro) não perderia a oportunidade de publicar livros que tratassesem do Islã e de seus seguidores. Dois livros recentemente publicados chamam atenção dos leitores, em primeiro lugar, pelo título atribuído: *Infiel* e, mais recentemente, *A virgem na jaula – um apelo à razão*, os dois livros de autoria da somali Ayaan Hirsi Ali e editados pela Companhia das Letras.

Nesta resenha crítica deixo de lado *Infiel*, um livro autobiográfico em que Ayaan Hirsi Ali narra sua história de vida marcada pela infibulação do clítoris (mutilação genital, como ela prefere chamar), casamento arranjado e sua fuga para o Ocidente. Meu foco aqui é *A virgem na jaula – um apelo à razão*.

Em *A virgem na jaula* Ali afirma: “nós muçulmanos perdemos totalmente a noção do equilíbrio entre religião e razão” (:32), adiante declara-se não crente e contra a moral religiosa. Afirma que a saída para o Islã é a sua ocidentalização, só assim ele se humanizará. Valoriza a “cultura” ocidental em detrimento de culturas árabes. Parece esquecer, ou não saber, que o seu próprio país surge em 1960 a partir da junção de dois protetorados: italiano e britânico. Esses países pertencem a este Ocidente que ela elogia tanto, em liberdade de expressão, filosofia, etc., mas que fizeram dos países africanos suas colônias durante um longo período da história.

Vale a pena dedicar alguns instantes a dois elementos que chamam nossa atenção no livro: o subtítulo e a foto de capa. O subtítulo “um apelo à razão” é, em sua versão original, “A muslim woman’s cry for reason”, “mulheres muçulmanas choram por razão”. Recentemente Ali reedita *The caged virgin*, mas atribui um outro subtítulo “An Emancipation Proclamation for Women and Islam”, “uma proclamação da emancipação para as mulheres e Islã”. Os dois originais em inglês deixam claro que a preocupação da autora é com a mulher no Islã e o modo de emancipá-la. Podemos concordar que *apelo à razão* é generalizar demais a questão proposta (qual seria o interesse de uma tradução que propõe generalização?).

Cabe dizer que a nova edição, datada de 2008, apresenta duas alterações. Saem os capítulos: *Lutem por seus direitos! As mulheres no Islã*, o primeiro capítulo do livro na versão em português; e o capítulo *Ser política não é meu ideal*. Entraram

no lugar: *Defending western Ideals e The holiness of secular books*, os últimos capítulos do livro na versão reeditada em inglês.

Outro ponto interessante a ser observado diz respeito à foto da capa. Nas versões em inglês, são duas capas distintas: a primeira versão apresenta uma mulher coberta por uma burqa, não a tradicional afgã, mas um imenso manto branco que deixa à vista só os olhos da mulher. Na reedição (ou nova edição) de 2008, assim como o subtítulo, a foto foi trocada: agora é um lenço (um pedaço de pano) que voa. Na versão em português, a fotografia da capa estampa a imagem de uma mulher de costas, que faz uso do seu *hijab* (lenço de cabeça) branco. Não é preciso ser nenhum especialista em imagem para associarmos diretamente a jaula e o véu islâmico. A jaula do título leva a uma associação direta ao uso do véu islâmico e isto fica ainda mais explícito quando olhamos as três capas citadas, e no texto de Ayaan Hirsi Ali fica evidente esta relação.

No livro, Ali afirma que a sua abordagem crítica é otimista, pois é necessário humanizar o Islã. O Islã, segundo a autora, é um modo de vida, um sistema de idéias (185). Ao dizer isto, não diz nenhuma novidade, pois isto é repetido por qualquer muçulmano, praticante ou não. Adiante, na mesma página, continua: “as críticas ao Islã não significam que o fiel o rejeite, mas sim que examina ideias e doutrinas específicas, cuja aplicação à vida real conduz a um comportamento brutal e de consequências inaceitáveis”.

Ao ler o livro de Ali fiquei me perguntando: o que ela deseja? Que os muçulmanos critiquem a sua religião? Que o façam para serem libertados da jaula? Ah sim! Ayaan argumenta que as mulheres estão na jaula, mas os homens também estão em seu entorno, aprisionados de alguma forma ao sistema religioso.

As mulheres enjauladas são ignorantes e educam os filhos que se tornam ignorantes. Segundo ela, *impossibilitadas de expressar o ódio que sentem por seus maridos, algumas voltam o sentimento contra os filhos* (49, grifos meus). Hirsi Ali revela que as mulheres quando obrigadas a casar são como prisioneiras acometidas pela Síndrome de Estocolmo, na qual os reféns se apaixonam por seus captores (55, grifos meus).

Fica evidente no texto de Ayaan Hirsi Ali que ela não abre espaço ao relativismo e ignora a capacidade de escolha das mulheres em suas próprias comunidades, assim como não é capaz de observar os arranjos realizados por essas mulheres para se manterem ligadas à comunidade e à família. Quando esteve com mulheres do movimento turco e com mulheres marroquinas respondeu a elas: “se vocês querem fazer tudo o que Alá, o Altíssimo, disse, então vocês continuarão na jaula”. Diz que essas mulheres são defensoras da sua própria opressão.

A autora é capaz de remeter-se a sua própria história de opressão, mas é incapaz de entender momentos da história que abordam os conflitos entre árabes e judeus, por exemplo. Declara que há pouquíssima investigação sociológica sobre o Islã. Cita dois autores (de origem judaica) Bernard Lewis e Pryce-Jones, o primeiro foi o grande adversário intelectual de Edward Said, que Ayaan parece nem conhecer. Cita vagamente duas grandes autoras da atualidade que escrevem sobre o Islã: Karen Armstrong e Fátima Mernissi. Mernissi, socióloga, marroquina, declara-se muçulmana e faz críticas à opressão das mulheres, mas Ali parece não ter compreendido a densidade teórica dessas duas intelectuais e limita-se a fazer comentários genéricos. Cabe dizer que Armstrong escreveu a biografia do profeta Muhammad e tem sido elogiada pelos muçulmanos.

Fica a impressão de que Ali mistura relatos pessoais e teorias filosóficas que mais parece ter lido *en passant*. Critica o partido dos trabalhadores, do qual fez parte, porque eles aceitam, ou “respeitam” a cultura do outro, mesmo que isto represente um atraso. Mudou para o partido liberal (holandês), porque recebeu garantias de que teria liberdade para discutir o tema de integração e emancipação das mulheres imigrantes.

Seu livro desqualifica o Islã, o profeta e os muçulmanos. A autora afirma que a prática da circuncisão

feminina nada tem a ver com o Islã; no entanto afirma que o Islã exige que “você case virgem”. Parece desconhecer o fato de que os homens também devam casar virgens, e se não o fazem, é porque talvez exista uma comunidade por trás que aprova tal comportamento. A questão da virgindade não pode ser vinculada apenas ao Islã. No catolicismo, no judaísmo e em outras tantas religiões espera-se que os cônjuges casem-se virgens.

No islamismo a mulher pode fazer usos de anticoncepcionais e o divórcio é autorizado (está no Alcorão); no cristianismo são dois pontos proibidos e totalmente desqualificados pelo Papa. Sobre a sexualidade, há um *hadith (ditos e falas)* do profeta que diz que o marido não pode ficar mais de quatro meses longe de sua esposa, que deve satisfazê-la sexualmente. Sobre a própria obsessão da virgindade, sugeriria a Ayaan que lesse Bouhdiba, “A sexualidade no Islã”. Um bom muçulmano, como sugere o autor, pode escolher o que quiser para ter no paraíso: os homens podem escolher as tais virgens “huris” e as mulheres também podem fazer o mesmo, porque no paraíso o orgasmo é infinito.

O livro combina autobiografia, com reflexões pessoais e o uso de autores ocidentais e citações do Alcorão. Embora, é preciso frisar, a autora cite os versículos do Alcorão, não apresenta os capítulos e versículos aos quais se refere. Diz que ser política não é seu ideal. Parece esquecer-se que fazemos política o tempo todo, somos seres políticos, querendo ou não. Ao escrever um livro – na verdade, dois – ocupa um espaço político que podemos considerar positivo ou não, mas já é fato.

O livro seria instigante se a autora fizesse aquilo que propõe aos outros (fazerem), como um levantamento de mulheres muçulmanas que foram mutiladas e que hoje vivem sob a proteção de Estados europeus. A autora deveria ter se dedicado a dois temas que interessam às mulheres, sejam essas muçulmanas ou não: a *violência doméstica (crimes de honra)* e a *mutilação genital*. Esses temas deveriam ser tratados com maior densidade, mas no lugar de aprofundar esses temas Ali escreve uma carta às muçulmanas que desejam fugir, dando uma série de conselhos sobre como devem se comportar quando tomarem essa decisão.

Cabe dizer que a violência doméstica é algo que acontece não só em sociedades árabe-muçulmanas, mas também em sociedades ocidentais, com a mesma intensidade de violência e de desrespeito. No Brasil, por exemplo, tivemos a aprovação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340, desde 22 de Setembro de 2006), trata-se de um avanço almejado pelas mulheres há décadas. O Brasil, talvez Ali não saiba, foi o primeiro país a constituir uma Delegacia da Mulher e a violência doméstica aqui nada tem a ver com religião. Faltou ao livro uma maior dimensão do problema e, sobretudo, um respeito aos seguidores dessa religião. Associar a violência à mulher aos versículos do Alcorão e aos *hadiths* do profeta é fazer uma leitura superficial sobre o tema. Desconsiderar, ou melhor, desvalorizar os valores de ‘comunidade’ em prol do ‘individualismo’ é também fazer uma leitura em uma única mão. Não é possível entender este universo, olhando por uma única fresta.

Chego à conclusão de que precisamos urgentemente de traduções dos livros de Fátima Mernissi (*El poder olvidado, Women and Islam, Beyond the veil*, para citar alguns), pois a sua obra deve ser compreendida também a partir da identidade, que, vale frisar, não é contra o uso do véu, mas se manifesta contrária a essa obrigação, quando imposta pelos homens. Mernissi insiste que olhar para o Islã no V ano da Hégira, não é o mesmo que olhar o Islã nos dias atuais, e isso faz toda a diferença.

Francirosy C. B. Ferreira fez mestrado e doutorado na USP e é atualmente bolsista PRODOC no Instituto de Artes da UNICAMP. É pesquisadora do GRAVI (Grupo de Antropologia Visual) e do NAPEDRA (Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama), ambos na USP.